

Artefatos tecnológicos – Articulado conhecimentos curriculares

Thamy Lobo

Acerca das redes educativas e celulares

Esses dias, ao ler *Em defesa da escola, uma questão pública* de Jan Masschelein e Maarten Simons encontrei o termo tecnologias escolares ligados às práticas comuns há tempos em diversas redes educativas como as provas, os ditados e as cópias. Realmente, ao buscarmos o significado de tecnologia, encontramos técnicas, métodos, meio e instrumentos acerca de ofícios ou domínios da atividade humana, apesar de muitas vezes a reduzirmos às questões voltadas aos computadores e celulares. Segundo os autores “dar forma a escola, ou seja, estimular o interesse por cuidadosamente criar e apresentar o mundo, é inconcebível sem tecnologia” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2022, P.54), ou seja, independentemente da técnica que estivermos nos referindo, ela é imprescindível às escolas.

Mesmo entendendo a sua importância, de tempos em tempos temos as “tecnologias da vez” e com elas as críticas e os elogios à sua presença nas escolas. É o que ainda vemos acontecendo referente aos usos dos celulares nas redes educativas. Necessários durante ao recente isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, onde houve iniciativas de diversas redes educativas em encontros com os estudantes a partir de ferramentas de videoconferências, com a possibilidade de se ver, ouvir e sentir mesmo à distância.

Muitas foram as dificuldades durante esse período: ausência de uma boa conexão exigida por essas ferramentas, falta de

computadores e celulares para que as crianças e jovens das famílias pudessem acompanhar os encontros, além de outras ausências que a crise econômica acompanhada da crise sanitária trouxe, como a dificuldade de manter o compromisso do pagamento do fornecimento de luz , de comprar alimentos para a sobrevivência.

Após o retorno das atividades presenciais, muitas escolas reforçaram uma regra imposta antes da pandemia, a proibição do uso dos celulares, ignorando as possibilidades de criações possíveis a partir desse artefato tecnológico, seja por não compreender que este pode e já está presente nas redes educativas a partir dos nossos estudantes ou pela dificuldade de acesso à internet presente em algumas redes educativas.

É necessário e urgente compreendermos e nos movimentarmos no sentido de cobrar de quem se deve as medidas necessárias para termos possibilidade de acesso dentro e fora das escolas. Criar projetos, encontros, não retirar os artefatos tecnológicos dos currículos, mas sim persistir nas criações a partir deles, reforçando sua necessidade e importância. É a partir das dificuldades que surgirão que podemos realizar as cobranças necessárias. Recuar neste momento é retroceder e negar aos estudantes as possibilidades de criação e apresentação do mundo que estamos vivendo como nos lembrou Jan Masschelein e Maarten Simons.

Celulares e outros artefatos tecnológicos fazem parte dos cotidianos das crianças e jovens. Muitas vezes, são a partir deles que elas e eles se reconhecem, se descobrem e descobrem o mundo. As escolas não devem, não podem e nem conseguiriam negar isso a elas e eles.

Referências:

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica: 2022.

Sobre a autora:

Thamy Lobo é doutoranda em educação pelo PROPED/UERJ, mestre em educação pela FFP/UERJ, graduada em Literatura e Língua portuguesa e professora da educação básica da escola municipal do Rio de Janeiro.